

“O CATADOR DE NUVENS”

Thaisa Damous

CENA 1

No interior de uma casa A MULHER escreve em seu diário, seu celular toca, ela confere quem está ligando e se recusa a atender. Após tocar repetidas vezes A MULHER atende seu ex-marido EDGAR, estamos no cotidiano.

A MULHER - *(impaciente)* Alô. Oi Edgar, pode falar. O que? Como assim? Nós tínhamos combinado que esse final de semana eu ia ficar com as duas. Edgar são minhas filhas e eu tenho esse direito. Esse final de semana é meu. Mas, eu já combinei com as meninas toda a nossa programação *(ela escuta a reclamação do ex-marido)* Ahn?! E daí?! Elas te contaram o que? (...) Sim, faz parte da programação do final de semana elas pediram e eu deixei que chamassem quatro amiguinhas do colégio para dormirem aqui em casa. São seis crianças, eu me viro muito bem-- Edgar por favor para de criar problema, eu preciso desse tempo com elas, elas se divertindo comigo, tem sido tudo tão tumultuado. (...) Você acha que eu não consigo? Eu sei que não é fácil, mas é uma noite só. (...) Não, eu ainda não falei com as mães das meninas, eu ia ligar agora. Deixa as minhas filhas comigo... Eu sei... eu sei que são seis camas para arrumar, seis banhos, seis pratos, seis toalhas... mas são crianças (...) como assim eu não sei do que eu estou falando?

Entra uma mulher muito alterada com uma arma na mão e uma maquiagem pesada.

A ALTERADA – Eu não acredito!

A MULHER dá um grito de susto.

A MULHER – O que é isso?

A ALTERADA - É realmente desprezível.

A MULHER – *(assustada)* Me desculpa... eu-- eu... calma, está tudo bem.

A ALTERADA - Que espécie de lugar idiota é esse onde alguém escolhe ter seis filhas? Pensa que eu não escutei?

A ALTERADA “investiga” o lugar.

A MULHER – *(tentando falar com Edgar no celular)* Edgar, tem uma mulher armada aqui em casa (...) *(Aos berros)*, MAS O CONDOMÍNIO É SEGURO! Não desliga, não desli--- *(ele desliga)*

A ALTERADA – Ao chegar nesse lugarzinho, acabei escutando que você tem uma família grande. Eu ouvi você dizendo que ia cuidar das suas seis filhas!

MULHER – Ah não, eu não tenho seis filhas. Você entendeu errad----

Entra uma mulher com roupas de época, ela tem tom exagerado e melodramático.

A MELODRAMÁTICA – *(interrompendo a conversa)* Nossa que raridade!

A MULHER dá outro grito.

A MELODRAMÁTICA - Eu só de pensar em ter filhos... Ó não! Apavora-me a ideia de pequenos seres em minha dependência.

A MULHER – *(ainda tensa)* De onde vocês vieram? Eu estava falando sobre as seis meninas que no *total* vem aqui em ca--

A ALTERADA – *(interrompendo)* Seis filhas é um trabalho pelo visto, eu ouvi você falando sobre seis toalhinhas, seis caminhas, seis banhinhos, seis pratinhos...

A MULHER - Vocês vieram da festa do 403?

A ALTERADA – *(aponta a arma para A MULHER)* Sua imbecil.

A MULHER *leva um susto e se abaixa.*

A MELODRAMÁTICA – *(para A ALTERADA)* Por quê? Ó meu Deus, eu só me pergunto o porquê de usar palavras agressivas na casa de seis crianças?

MULHER - Na verdade, eu tenho duas filhas, as outras quatro...

A MELODRAMÁTICA - São adotadas? Eu sempre soube!

A MULHER - Não, elas não são minhas filhas.

A MELODRAMÁTICA - *(no auge do sofrimento)* A mãe nega as crianças adotadas e eu me questiono o porquê?!

A MULHER - Eu estou esperando aqui em—

A MELODRAMÁTICA- *(toca na barriga da MULHER)* Esperando as quatro?

A ALTERADA – *(irônica)* Quatro crianças nessa barriga?!

Entra uma mulher com um visual de cabaré, ela se movimenta como se estivesse em um musical da Broadway.

A MUSICAL – É incrível!

A MULHER *leva outro susto.*

A MUSICAL – São quadrigêmeas! Que... loucura!

A MULHER – Quem é você?

A MUSICAL – Para quando?!

A MELODRAMÁTICA - Para hoje de noite...

A MUSICAL – *(surpresa)* Impossível!

A ALTERADA – *(com desdém)* De fato, é uma barriga muito pequena.

A MELODRAMÁTICA - Deve ser uma gravidez de risco, porque devem ser.... Oh não! Devem ser micro bebês.

A MULHER – Não gente!

A MUSICAL – Já sei você fez uma inseminação artificial?! Vai ser mãe solteira!

A MELODRAMÁTICA - Mas eu não entendi tem mais quatro da adoção?!

A ALTERADA - Somadas aquelas duas primeiras.

A MUSICAL - Então, com os quatro da barriga são no total dez filhos?

A MELODRAMÁTICA - São filhas, ela só tem meninas, é muito curioso. *(Para A MUSICAL)*

MULHER: Para! Chega! Eu só tenho duas filhas as outras quatro não são minhas filhas!

(Pausa)

MELODRAMÁTICA – Veja só que horror!

A ALTERADA – É compreensível!

A MUSICAL – *(como se estivesse dando uma explicação científica)* Calma, eu já li sobre o assunto, dizem que algumas mães só se tornam mães quando olham, tocam os filhos no caso filhas. Mães que tornam-se mães no nascimento!

A MULHER – *(explodindo com a situação)* PARA! TÁ BOM, TÁ BOM. EU TENHO QUANTOS FILHOS, FILHAS VOCÊS QUISEREM SEIS, NOVE, DOZE, QUINZE, DEZOITE, VINTE E UM. EU VOU EM PROGRESSÃO GEOMÉTRICA!

A MUSICAL - Aritmética!

MULHER - O Que?!

A MUSICAL - Em progressão Aritmética no caso, eu estudei isso.

Número musical, um fundo instrumental começa seguido de um número de dança e canto.

A MUSICAL canta:

“Porque na sua explicação você somou os números em sequências de três. Seis mais três, resultando em nove que somado a três deu doze e não multiplicou. Progressão Geométrica é quando multiplica, no caso seis vezes três temos dezoito que vezes três, cinquenta e quatro que vezes três resultam em cento e sessenta e dois. Aí no caso, você diria: “Eu tenho no total cento e sessenta e duas filhas”!”.

A MULHER - Ai meu Deus, quem são vocês? Onde eu estou?!

A ALTERADA – Olhem que maluca! Uma amnésia repentina.

A MUSICAL – Não sabe onde está?

A MELODRAMÁTICA - Estamos na França!

A ALTERADA - Claro que não, estamos na Espanha!

A MUSICAL - Não, não estamos na Broadway e está nevando!

Todas olham para cima.

A MELODRAMÁTICA - Ah está mesmo!

A ALTERADA – Ah credo, você deve entrar em trabalho de parto já, já!

A MELODRAMÁTICA – *(anunciando algo grandioso)* Já era tempo. Senhoras e senhores, lá vem a primeira contração.

MULHER – Mas eu não estou grávida- *(ela sente uma contração repentina)* AHHHHH!!!

A MELODRAMÁTICA - Vamos para a parteira!

A MULHER – *(ainda sofrendo com a contração)* Que parteira isso é *(ano da montagem)*!

A ALTERADA – Isso é década de 90!

A MUSICAL – Não estamos na década de 20?

A ALTERADA – Nós temos que nos apressar o bebê e a mãe correm o risco de deixar de existir.

A MULHER – Morrer?

A MELODRAMÁTICA – Em que ano nós estamos?

A ALTERADA –1994!

A MUSICAL - Isso é década de 20!

A ALTERADA – *(apontando a arma)* Par!

A MUSICAL – *(recusa quando avista a arma)* Ímpar!

O par ou ímpar não chega a acontecer.

A MELODRAMÁTICA - É o fim da Revolução francesa e lá vem outra contração.

A MULHER – Mas eu não estou sentindo na- AHHHHHHHH! *(Ela sente outra contração mais forte)*

A ALTERADA – Depressa!

A MELODRAMÁTICA - Ela não vai resistir!

A MUSICAL – Devemos socorrer suas filhas!

A MELODRAMÁTICA – Eu já não aguento mais essa situação, a pobre mulher está em trabalho de parto de cento e sessenta e duas meninas!

A MULHER – *(assustada)* O que?!

A MUSICAL - Será que chegaremos a tempo?!

A MULHER – *(convencida)* Minhas filhas!

A MUSICAL tenta observar dentro da saia da MULHER.

A MULHER - Mas o que é isso?!

A MELODRAMÁTICA – Aqui já não é seguro para você.

A luz começa a falhar.

A MUSICAL – Aqui já não é seguro para nós, reparem a cena está acabando, não vamos resistir, é o fim de nós quatro.

Todas as personagens começam a perceber o final da cena.

A ALTERADA – Era só o que faltava...

A MUSICAL – Gente, qual a minha fala?

A MELODRAMÁTICA – Eu sabia desde o início que o fim chegaria!

A MUSICAL – O que eu tenho que falar agora? *(Começa a cantar baixo buscando se lembrar)*

A MELODRAMÁTICA - Não existe tempo para nós, aparecemos no tempo e morremos aqui.

A ALTERADA – *(muito alterada)* Quem é que vai morrer aqui?

A MULHER – *(preocupada)* Não sinto mais as contrações.

A MELODRAMÁTICA – Quando voltaremos a aparecer?

A ALTERADA – Acho que quando formos convocadas, quem sabe daqui uma hora, um mês, dez anos, cem séculos. Podemos ficar perdidos na eternidade.

A MUSICAL - Nada disso! Precisamos de outra história! Uma história com início, meio, meu solo e no momento inevitável, o fim.

A MELODRAMÁTICA - O luar que um dia brilhou já não brilha mais! Ó senhoras! Devemos nos unir!

A ALTERADA – *(aponta a arma para as outras)* Mas eu ainda não matei ninguém!

Todas abaixam desesperadas.

A MUSICAL – *(para A MULHER)* Precisamos correr para outra história ou vamos ficar perdidas para sempre.

A MULHER – Mas a minha história estava começando e vocês apareceram, eu tenho esse dilema com meu ex-marido Edgar. Nós éramos uma família, eu devo ter uma foto aqui em algum lugar *(procurando na bolsa.)*

A MUSICAL – Você não percebe que a cena já está acabando? A cena está longa, maior do que o previsto, não tem mais para onde ir, estamos no fim.

A MULHER - Eu tenho um drama ainda para viver.

A MUSICAL – Se você ficar *(pausa)* eu não quero nem pensar no que pode acontecer com uma personagem sem história.

A ALTERADA – *(se acalmando)* Sua irritante, você tem que vir conosco. Eu também estou perdida, mas somos o que lhe resta.

A MULHER – Eu preciso ficar na minha história.

A MELODRAMÁTICA – Ó pelos céus que clareiam e escurecem num ciclo interminável. Mulher, você vai ficar perdida para sempre, sem história. Esse tal de drama que você procura, ele já não está mais aqui...

A MUSICAL – Bom, se você é isso que você quer, vamos meninas!

As personagens começam a andar saindo de cena.

A MULHER – Não, esperem um momento! *(Procurando um celular na bolsa)* Me deixem apenas ligar para o meu ex-mari—ué meu celular sumiu?

A MUSICAL – *(com urgência)* Os objetos cênicos já começaram a desaparecer! A cena está diluindo. É melhor irmos embora.

MULHER – Esperem! Eu, eu acho que vou com vocês! Talvez não termine a minha história, mas pelo menos não fico sem uma história.

MULHER tira um texto do bolso.

A ALTERADA – O que é isso?

A MULHER – “A personagem de um drama naturalista acha um fragmento do texto na bolsa que revela o breve futuro dela e das outras personagens. A personagem de um melodrama parece confusa, junto com a personagem psicótica de um thriller de horror independente *(todas pausam e observam A ALTERADA)* e a personagem de um musical da Broadway. A cena acaba. É o início de outra história. Luz apaga”.

CENA 2

B.O

Todas as personagens gritam no escuro.

A MUSICAL – Ei, tem alguém aí? Onde será que estão as--?

Luz acende. Elas foram parar atrás de um véu preto, um limbo.

A MELODRAMÁTICA – Ó graças! Onde estamos?

A MUSICAL – Eu não sei isso aqui não se parece com nada que eu tenha vis--

A ALTERADA – Ei vocês...

A MELODRAMÁTICA – Agora me sinto aliviada, mas não tanto! Cadê a--

A MULHER – Ah vocês estão aí!

A ALTERADA – Alguém começa a explicar antes que eu---

Barulho de palmas.

Voz em OFF – Bravo! Bravo!

A MUSICAL – Que curioso, acho que sei onde estamos!

A MULHER – Onde?!

A MUSICAL - Estamos na beira da existência de uma personagem. Estamos do lado de fora.

A MELODRAMÁTICA – Eu sabia. Ó céus!

A MULHER – Como?

A MUSICAL – Estamos em um camarim.

A ALTERADA - (*apontando a arma para cabeça*) Não!

Todas gritam interrompendo o suicídio.

TODAS – Não...

A MUSICAL – Sim, uma história começa a acabar aqui ao lado, logo toda essa história também não existirá é muito perigoso ficarmos aqui.

A ALTERADA – Eu vou-me embora.

A MELODRAMÁTICA – Eu também!

A MULHER – Onde elas foram?

A MUSICAL - Estamos nos bastidores, as personagens não vivem aqui. Vamos embora.

CENA 3

B.O. Todas as personagens agora são bonecas.

A MELODRAMÁTICA (*rindo e apontando para A ALTERADA*) – Olha para você!

A ALTERADA – Olha você!

A MELODRAMÁTICA (*se percebendo*) – Oh Céus! Nem nos piores pesadelos, eu pude pensar que---

.

A MUSICAL – Mas o que é isso?

A MUSICAL olha dentro da roupinha.

A MULHER – O que foi?

A MUSICAL – Não!

MULHER olhando dentro da roupinha também.

A MUSICAL – Aqui diz lavagem a seco.

A ALTERADA - Começou a palhaçada!

A MUSICAL – Acho melhor partirmos para outra história.

A ALTERADA – Se bem que eu gostei desse corpinho!

A MELODRAMÁTICA – O que?

A MUSICAL – Eu quero ser de verdade.

A ALTERADA – Mas você é de verdade.

A MUSICAL – Sim, digo de matéria orgânica!

A ALTERADA – Mas matéria é matéria, você vai se importar com a matéria!

A MUSICAL – Não quero viver dessa forma. Falsa!

A ALTERADA – Como assim falsa?

A MULHER – Pensando bem eu viveria assim....

A MELODRAMÁTICA – Não! Parem com isso! Por que, por quê?!

A MUSICAL – Vamos embora!

A MELODRAMÁTICA – Para onde?!

A MUSICAL – Por aqui!

Todas saem de cena.

CENA 4

B.O

Tela de cinema/vídeo.

INT. BAR. MESA DE SINUCA.

Com imagem preta e branca A ALTERADA e a MULHER estão jogando sinuca. Ao fundo A MUSICAL canta no karaokê. Na mesa de sinuca tem um cigarro apoiado em um cinzeiro e uma cestinha com pastéis. Chega A MELODRAMÁTICA atrasada, confusa e se abanando.

A MELODRAMÁTICA

Vamos embora desse lugar antes que roubem nossos dentes!

A MUSICAL

(Com microfone na mão)

Disseram que eu tenho mais três músicas!

A MELODRAMÁTICA percebe a câmera e bate no vidro/lente, como se estivesse presa na tela.

A MELODRAMÁTICA

Mas o que é isso?

A MULHER

Vem jogar!

A MELODRAMÁTICA

Como jogar? Estamos presas aqui?

A MULHER

Coma alguma coisa...

MULHER coloca um pastel na boca, percebe que é cenográfico.

A MULHER

Essa comida é falsa.

A ALTERADA

Como assim falsa?

A MUSICAL pega o cigarro e percebe que o cigarro está apagado.

A MUSICAL

Esse cigarro é falso.

A ALTERADA

Como assim falso?

A MELODRAMÁTICA

E o que são essas letras aqui?

A MELODRAMÁTICA aponta para a legenda.

A MUSICAL

Ah tudo o que dizemos aparece ai embaixo e as músicas também aparecem ali embaixo. (*Aponta para o karaokê ao fundo*) É fascinante.

A MELODRAMÁTICA

E vocês não acham esse lugar estranho?

A ALTERADA

Como assim estranho?

A MULHER

Tem razão é estranho!

A ALTERADA

Mas eu não entendi, quando vocês dizem estranho...

A MULHER

É a comida falsa me surpreendeu...

A MUSICAL

Vamos embora.

A MELODRAMÁTICA

Vamos partir para sempre e jamais olhar para trás!

A MULHER

Vamos logo...

TODAS vão saindo da cena.

A ALTERADA

Mas só porque é estranho?

CENA 5

As personagens entrando em cena, na medida em que saem da tela vão aparecendo em cena.

A MELODRAMÁTICA – E agora? Ó Céus! Onde estamos?!

Todas as personagens estão confusas.

A MULHER – Não, não, não compreendo.

A MELODRAMÁTICA – Que lugar é esse?

A ALTERADA – Não sei, não vejo ninguém.

A MUSICAL – De fato, não está mais nevando.

Todas olham para cima.

A MELODRAMÁTICA – Olhem só, não está!

Entra o DETETIVE.

DETETIVE - *(para todos)* Boa noite.

TODAS – *(com curiosidade)* Boa noite...

A MUSICAL – *(tentando seduzir)* Boa noite!

(Pausa)

As personagens se olham. DETETIVE coloca um cigarro na boca, mas não acende, ele fuma o cigarro apagado.

DETETIVE *(soltando uma fumaça imaginária)* – Vocês conheciam o Sr. Spencer?

Todas respondem consecutivamente como que num susto.

A MULHER – Sim!

A ALTERADA – Não!

A MELODRAMÁTICA – Às vezes!

A MUSICAL – Ele é filho da tia de uma amiga lá de Niterói!

(Pausa)

DETETIVE – Vocês sabem que existe a suspeita de assassinato?

A MUSICAL - Sim!

Susto das personagens.

A MELODRAMÁTICA – *(assustado com a confissão)* Que?

DETETIVE – Que?

A MUSICAL – Sempre existe uma suspeita.

DETETIVE – O que?

A MUSICAL – Sim pode existir uma suspeita.

DETETIVE – Você se considera suspeita?

A MULHER *(para as outras)* – Ela é suspeita?

A MELODRAMÁTICA – Anos convivendo com uma pessoa e no final ela pode ser suspeita!

A ALTERADA – Ela não é suspeita!

DETETIVE – E porque ela disse que sim?

A MUSICAL - Porque o senhor perguntou se existe uma suspeita e eu respondi que sim.

A MELODRAMÁTICA – Mas por que não disse que não? Você é suspeita?

A MUSICAL – Eu? NÃO!

DETETIVE – Mas existe uma suspeita de assassinato?

A MUSICAL – Sim, sempre existe uma suspeita. Uma suspeita de assassinato.

DETETIVE – Bem, eu vou aqui ao lado à sala onde se encontra o corpo do Sr. Spencer vou fazer umas últimas perguntas aos amigos e familiares, mais tarde eu retorno.

A MELODRAMÁTICA – Um corpo aqui ao lado?

DETETIVE – Sim, estamos no velório do Sr. Spencer.

DETETIVE sai de cena.

A MELODRAMÁTICA – Niterói?

A MULHER – Foi no mínimo suspeito.

A ALTERADA - A gente devia dar um último adeus, colocar umas flores.

A MUSICAL (*eufórica*) - Percebem o que acaba de nos acontecer? Estamos dentro de uma nova história! Temos aqui uma investigação. Vamos nos esconder.

As personagens ficam escondidas na moldura de um quadro.

CENA 6

ENTRA DETEVIIVE. Luz de interrogatório. Ambientação de delegacia.

DETETIVE – (*falando sozinho, fazendo um “auto-interrogatório”*)

Então, eu e você sozinhos. Eu e eu, sozinhos. Agora, eu vou arrancar a verdade de mim. Você por um acaso conhecia o Sr. Spencer? Não, não conhecia. Você sabe de alguém que pudesse querer a morte dele? Não, eu não conheço ninguém, tive um breve contato com a irmã dele. Ah então conheceu a irmã dele? Sim, muito rapidamente no velório. Eu estou nesse caso e nem sei de fato por onde começar. Então, você está aqui porque decidiu começar por si? Acho que sim. Ah então você confessa que é suspeito? Na verdade todo mundo é suspeito, por isso eu estou aqui para me eliminar das possibilidades. Mas você sabe que é o detetive do caso, se fosse culpado poderia se safar. Ah sim, mas sou honesto então se eu for culpado me entregarei. Mas você é culpado? Até

aonde sei não. Nunca vi Sr. Spencer ou tive qualquer contato antes do ocorrido. E qual foi o ocorrido? Eu não sei eu estou investigando. Ah sim eu estou! Detetive? O que você está fazendo? Interrogando um suspeito. Não vejo ninguém, vejo apenas o senhor. Então deduz...? Muito honesto de sua parte. Está precisando de ajuda com o senhor mesmo, a verdade está difícil de sair? Não, sou muito colaborativo comigo. Acho que sou inocente. Se o senhor não tem mais questionamentos para si, preciso dizer que a irmã do Sr. Spencer vai dar o seu depoimento em breve.

DETETIVE sai.

A MELODRAMÁTICA – A loucura corrompeu esse jovem!

A MULHER - De fato, não está em condições normais.

A MUSICAL – Eu achei uma delícia!

A ALTERADA – Temos que observar!

CENA 7

Novo ambiente. Todas as personagens estão confusas.

MULHER – Não, não, não compreendo.

A MELODRAMÁTICA – Que lugar é esse?

A ALTERADA – Não sei, não vejo ninguém.

A MUSICAL – De fato, não está mais nevando.

Todas olham para cima.

A MELODRAMÁTICA – Olhem só, não está.

Velório do Sr. Spencer. Entra BRANCA e GAEL, um homem entre 25 e 30 anos. GAEL tira um cigarro do bolso, vê BRANCA em pé, ela evita contato visual.

As personagens percebem os dois. Elas tentam interagir.

GAEL – Licença. Desculpa você sabe se pode fumar?

BRANCA - *(oferecendo o fogo do isqueiro)* É provável que não.

GAEL dá um longo trago no cigarro agora aceso.

GAEL - *(pensando alto e soltando algumas palavras)* Que coisa esquisita...

BRANCA - Desculpa como?

GAEL - Nada, estou aqui pensando como é esquisito.

BRANCA - O que? Morrer?

GAEL - Não morrer, mas assim a gente viveu algum tempo junto, tinha praticamente a mesma idade.

As personagens percebem que estão em um velório, elas colocam objetos caricatos de velório como guarda-chuva e óculos escuros.

BRANCA - Então, você acha esquisito morrer jovem?

GAEL - É, quer dizer, não morrer jovem, muito menos morrer, mas ver o corpo de alguém que você viu vivo sabe? A cor, a textura, a falta de respiração, o que virou, não tem mais nada...

BRANCA - Meu avô dizia que quando a gente morre é quando a gente fica com o corpo mais protegido. Acho que ele queria dizer que isso era o certo para o Homem: Morrer, ficar como um concreto, frio, exposto, gelado, indefeso e no final das contas protegido do mundo.

GAEL - E isso não é esquisito?

BRANCA - No final é o que a gente é.

A MULHER começa a se aproximar do caixão, ela tenta interagir com Branca e Gael pede o isqueiro, é ignorada.

GAEL – É um pensamento estranho, bem desapegado. Deve ser mais fácil. Eu não o conheci muito, lembro que ele era muito metódico tinha uma questão com soma de números. Sabe placa de carro, datas de nascimentos, uma espécie de TOC, tinha muita paciência, uma gargalhada engraçada, era um bom rapaz, trabalhava na sala ao lado, a gente voltava junto de ônibus para ele era mais fácil voltar de metrô, mas eu me lembro dele comentar que tinha fobia. Enfim, são poucas memórias, mas são memórias.

(Pausa)

BRANCA - Na verdade, não muda em nada achar que as coisas são o que elas são, não anula nem para você nem pra mim, eu só disse o que meu avô disse sabe, ele que disse e ele já morreu também.

GAEL - Ah sim claro, eu só estou dizendo que não é preciso ser fria.

BRANCA - Mas eu não sou fria, só parece. Eu sou câncer com ascendente em virgem ai esse lado virginiano parece mais sério, mas na realidade eu sou canceriana, que é bem amável, tem um coração enorme, uma pessoa de família, no fundo eu sou um poço de sentimento.

GAEL - Eu não acredito em signo.

BRANCA - Nossa depois eu que sou fria.

GAEL – O que quê isso tem a ver?

Quando A MULHER volta para perto das personagens, ninguém compreende o porquê de não serem vistas.

BRANCA - Tem um estudo que diz que 85% das pessoas a favor da pena de morte não acreditam em signos.

GAEL - Você inventou esse estudo.

BRANCA - Talvez eu tenha inventado esse estudo, mas é muito provável que pessoas que condenem as outras à morte não acreditem em signos. Qual seu signo?

GAEL - Não vou te dizer isso, pra você ficar chutando milhões de características sobre mim, até acertar alguma. Tipo, Libra é um signo amigo, falante, de muitas paixões, gosta de equilíbrio e....

BRANCA – *(interrompendo)* Você tem cara de libriano!

GAEL - Sou libra com ascendente em leão.

BRANCA *(introspectiva, como que voltando à realidade do velório)* Como era meu irmão.

Mudança de tempo e de ambiente.

CENA 8

As personagens também viajam no tempo, elas tentam interagir todo o tempo.

O ator que faz GAEL agora faz o IRMÃO de BRANCA. Ele chama a irmã, estamos no passado.

Relação de ambos é amável.

IRMÃO - Brancaaaaaa!

BRANCA - Eu não entendo.

IRMÃO - Oi?

BRANCA - Não tem sentido.

IRMÃO - O que?

BRANCA - Barata Voadora.

IRMÃO – Talvez.

BRANCA - Eu fico pensando nas escolhas de Deus.

IRMÃO - E?

BRANCA - E barata voadora?

IRMÃO - Não sei se foi uma escolha...

BRANCA - Tudo é uma escolha, principalmente se tratando de...

IRMÃO - De asa na barata?

BRANCA - A gente podia ter asas, mas Deus preferiu dar asa para as baratas.

IRMÃO - Não a gente não podia.

BRANCA - As baratas estão mais perto do céu.

IRMÃO - E do esgoto também.

BRANCA - Em que momento ele decidiu? Sabe, quando foi que ele teve a certeza de colocar asa na barata?

IRMÃO - Eu não sei se ele pensou.

BRANCA - Como Deus não pensou?

IRMÃO - Mas e se não foi Deus?

BRANCA - Você tem razão, barata voadora não é coisa de Deus.

IRMÃO - *(mudança de assunto, mostrando o celular)* É sim, ela mesma.

BRANCA – Não acredito que ela te ligou ontem?

IRMÃO - *(falando no telefone com a ex-namorada na noite anterior.)* Pode ser de noite?

BRANCA – *(respondendo ao telefonema como se fosse a ex-namorada)* Marcado, eu passo ai amanhã às 20h.

IRMÃO – *(ao telefone)* Ok! Às 20h é só interfonar.

BRANCA *(voltando aquele tempo presente como Branca)* Mentira, que ela que te procurou dessa vez? Mas foi só isso, só marcaram de se encontrar hoje, ela não disse mais nada?

IRMÃO – *(como se estivesse no telefone)* Alô?

BRANCA – *(falando diretamente para ele)* Você acha que vocês vão voltar?!

IRMÃO - *(no telefone)* Ah eu estou bem...

BRANCA - E ela disse mais o que?

IRMÃO - *(ainda no telefone)* E você?

BRANCA – Com saudades?

IRMÃO - *(no telefone)* Eu também.

BRANCA – Você está sempre com saudades.

BRANCA se vira chegando perto das personagens, ela não as vê. A MELODRAMÁTICA desmaia.

IRMÃO - *(para Branca diretamente)* Branca!

BRANCA – Oi.

IRMÃO - Eu vou sentir saudades.

BRANCA - *(avanço de tempo)* 20h15, desce logo.

IRMÃO - Eu não estou esquecendo nada?

BRANCA – Não, vai logo.

IRMÃO - Acho que eu estou esquecendo.

BRANCA – Não está, desce antes que ela leve uma multa.

IRMÃO - Que tal?

BRANCA – O irmão mais lindo do mundo.

Barulho de batida. Luz de farol.

BRANCA olha para frente como se tentasse entender o que aconteceu.

BRANCA chora.

IRMÃO - Tristeza, choro...

BRANCA *insinua algo semelhante, como em um jogo de mímica.*

IRMÃO - Depressão, choro, angústia, lágrimas, loucura. Branca, eu não estou conseguindo entender. Corta a palavra. Choro, Choro, gente isso é choro. Calma recomeça. Dor, sofrimento. Corta a palavra.

BRANCA faz sinal para o IRMÃO ter calma, ela começa a imitar um cachorro.

IRMÃO – Branca o que é isso?

BRANCA insiste na imitação de cachorro

IRMÃO – Está bem, cachorro.

BRANCA faz um gesto para cortar a primeira letra da palavra cachorro como no jogo de mímica.

IRMÃO – C começa com C... Caralhoouo, que merda é essa Branca?

BRANCA volta a fazer a sequência de choro.

IRMÃO - É choro isso!

Campainha de tempo esgotado

BRANCA - Era CULPA. Você não sabe jogar né? Nunca acerta.

IRMÃO - Ah, mas não era culpa mesmo. Eu vou ao mercado, quer alguma coisa?

BRANCA - Veneno para barata.

Cada um vai para um lado saindo de cena.

CENA 9

As personagens ainda em cena.

A MULHER – Eu estou um pouco confusa.

A MELODRAMÁTICA – (*histérica*) Todas nós estamos!

A ALTERADA - De fato, que momento é esse?

A MUSICAL – Acalmem-se, não podemos perder o nosso foco.

O foco muda de lugar.

A MUSICAL – Ai o foco!

Elas correm para outro foco.

A MULHER – Eles não viram a gente, como isso é possível?

A MELODRAMÁTICA - (*ainda histérica*) Nós agora somos invisíveis!

Foco apaga novamente, elas voltam para a marca original.

A MUSICAL – Por favor, tenham paciência. Nós precisamos continuar de onde paramos. Vocês não veem meninas?

A MELODRAMÁTICA - Não!

A ALTERADA – Agora sabemos de Branca Spencer, a irmã.

A MUSICAL – Mas será possível! Vocês não percebem o que está acontecendo? Vou lhes dizer, sabe quando você pega um copo, bebe água, deixa o copo na mesa quando volta o copo está na estante ou escova os dentes e coloca a escova no pote, mas a escova de dente aparece na pia. Eu acredito que deve ser uma espécie de família que vive naquele mesmo instante, naquela casa junto com você, mas em uma camada de tempo paralelo a sua. Ai, quando essas dimensões se encontram os objetos mudam de lugar, a luz apagada aparece acesa, a TV desligada aparece ligada. *(Tira da roupa o celular da Mulher)* Alô? Oi Edgar!

A MULHER – Meu celular!

A ALTERADA – Outra realidade?

A MELODRAMÁTICA – Oh Universo melancólico! Dizia-me desde o início que seu plano era acabar com a minha sanidade!

A MUSICAL – Precisamos entender o que aqui é *real*.

A MULHER – Então, na nossa investigação de assassinato temos que nos aprofundar nas camadas do real.

A MUSICAL – Se é que tem real, tudo pode ser ficção.

A MELODRAMÁTICA – Meu Deus, eu preciso do meu remédio para a pressão.

A MUSICAL – Eu não sei nem se nós existimos, eles não nos veem.

A MELODRAMÁTICA - *(histérica)* Eu Existo!

A MULHER – Isso me lembra muito o caos que foi quando a mulher chegou na lua.

TODAS – Que?!

A ALTERADA – *(para A MELODRAMÁTICA)* E você preocupada com a sua sanidade?!

A MUSICAL – Isso aconteceu?

A MULHER – Claro que aconteceu, em 1969 a mulher foi o primeiro ser a chegar à lua, depois em 1972 o macaco chegou à lua com o chimpanzé chamado Yuri Gagarin, em 1982 o Vaticano tentou catequisar a lua e só na década de 90 o homem pisou em solo lunar. Você não deve ter estudado nos livros verdadeiros. Deve ser isso. Todo mundo sabe que isso aconteceu.

A MUSICAL tenta puxar um número solo.

A MUSICAL – Um chimpanzéeeee chegou à Luaaa...

A ALTERADA – Que chimpanzé? Essa mulher está me deixando louca!

A MELODRAMÁTICA – Olha ai a senhora lucidez ficando louca!

A MUSICAL continua seu solo.

A ALTERADA – Cala essa boca se não---

Confusão entre as personagens.

CENA 10

ENTRA BRANCA. Fica parada de costas.

A MULHER percebe BRANCA, todas silenciam.

Entra o DETETIVE. As personagens se escondem nas molduras.

BRANCA não faz contato visual com o DETETIVE.

DETETIVE (*para Branca*) - Boa noite

BRANCA - Boa noite...

(Pausa)

DETETIVE – A senhorita é Branca Spencer correto?

BRANCA – Sim senhor.

DETETIVE – Eu sou o detetive do caso. Eu sinto muito pela sua perda, gostaria que a senhorita quando possível conversasse comigo, me ligasse, faremos de tudo para anular a possibilidade de...

BRANCA (*interrompendo o DETETIVE*) – Eu entrarei em contato.

DETETIVE – A senhorita poderia assinar seu depoimento?

BRANCA – Eu já disse que entrarei em contato senhores.

DETETIVE – Mas a senhorita precisa assinar o depoimento.

BRANCA – Por que você insiste em ficar aqui?

DETETIVE – Eu sei que é delicado, mas a senhorita precisa assinar seu depoimento sobre o acidente de carro.

BRANCA – Eu preciso ficar sozinha se o senhor me permitir, eu entrarei em contato.

DETETIVE – A senhorita poderia olhar para mim um segundo?

BRANCA – Não, eu não posso.

DETETIVE – Branca, eu entendo que você está abalada, mas eu preciso que você converse comigo, você poderia se virar um instante.

BRANCA – *(descrevendo as características do ator que faz o IRMÃO)* Seu cabelo é loiro?

DETETIVE – Branca, por que você não me olha?!

BRANCA – Seus olhos são azuis?

DETETIVE – É melhor você descansar eu entrarei em contato.

BRANCA – Com licença...

BRANCA sai de cena. Passa pelas personagens sem vê-las.

DETETIVE *(vendo os Personagens)* – Dura a realidade daquela moça, com licença senhoritas!

DETETIVE sai.

A MULHER – Um acidente de carro.

A MUSICAL – E o caso tem um detetive?

A MELODRAMÁTICA - *(histérica)* Só o detetive nos viu! Não é melhor irmos para outra história!

A MUSICAL – Não, precisamos entender o que se passa aqui. Esse detetive, nos vê por que será?

A MULHER - Será que Branca estava no carro?

A MUSICAL – Um acidente de carro precisa de uma investigação?!

A MELODRAMÁTICA – A Branca não viu a gente, o irmão não viu a gente, mas esse detetive ele nos vê.

A MUSICAL - Acho que para conseguirmos habitar a realidade de Branca Spencer precisamos de disfarces.

A MELODRAMÁTICA – Como assim? Você quer trapacear? Forçar para que a gente entre nessa história?

A ALTERADA – Não é perigoso a gente admitir que não exista só o nosso real?

A MUSICAL – Parem de ser pessimistas, temos que ser honestas não existe um real. Nem dois reais. Existe o que vemos e o que não vemos e o que achamos que vemos.

A MULHER – Se não existe somente um real existem mais, então estamos ricas, vai saber quantos reais temos.

A MUSICAL – O problema é que a gente nunca pega nesses outros milhões de reais.

A MULHER – Concordo, vamos admitir outros planos do real. Então, nos encontramos aqui em breve.

A MUSICAL - Sim, nos encontramos no velório do Sr. Spencer naquele instante quando Branca aparecer.

Todas saem de cena.

CENA 11

Entra BRANCA e GAEL, como na cena sete.

GAEL – Seu irmão. Eu não podia imaginar, que rude da minha parte, eu sinto muito.

BRANCA – *(ela olha para GAEL)* Como você se chama?

GAEL – Gael.

BRANCA – *(descrevendo as características do ator.)* Gael, o seu cabelo é loiro?

GAEL – Sim.

BRANCA – Seus olhos são azuis?

GAEL – Sim, mas você não está vendo?

BRANCA – Desculpe a esquisitice, eu tenho que ir.

GAEL – E você como se chama?

BRANCA – Branca. Com licença.

GAEL - Mas espera, você ficou chateada--

BRANCA e GAEL saem de cena.

CENA 12

Música tema. Entra A MULHER vestida de astronauta com uma bandeira na mão, ela é a primeira mulher a pisar da lua. Na sequencia entra A ALTERADA com um crânio da mão e arma na outra, ela é Hamlet.

A ALTERADA – Ser ou não ser eis a questão. *(Para o crânio)* Fala porra!

Entra A MUSICAL vestida de pirata.

A MUSICAL – *O-hoo, olá marujos!*

A ALTERADA – Há mais coisas entre o céu e a Terra do que...

A MUSICAL – Marujos, ataquem o inimigo, sai daqui inimigo, remem, remem, remem, remem!

Entra A MELODRAMÁTICA sem disfarce.

A MUSICAL (para A MELODRAMÁTICA) - O que é isso você não veio disfarçada?

A MELODRAMÁTICA – Claro que vim, vim de minha personagem. Aqui eu não sou personagem, como o Hamlet não é Hamlet, eu sou só uma fantasia.

A MULHER – Eu com esse trambolho todo e você vem de disfarçada de si mesmo!

A MELODRAMÁTICA – Sim, sim. A gente é sempre uma invenção da gente.

A MULHER – Isso me lembra como os índios tiveram que se reinventar quando os russos descobriram o Brasil.

TODAS – Ahn?

A MULHER – A gente, todo mundo sabe, os russos colonizaram o Brasil.

A ALTERADA – Isso é realidade?

A MELODRAMÁTICA - Isso não aconteceu. Na verdade tiveram as grandes navegações espanhola e portuguesa. Os russos não chegaram no Brasil.

A MULHER – Olha só gente, tá nos livros, está no Google e eu aprendi assim. Na realidade, naquela época os árabes inventaram a bússola, o astrolábio e os russos criaram o submarino. Tanto que tem a história de que os índios não viram embarcação nenhuma chegando porque eles não sabiam o que era uma caravela, então o que você não conhece você não enxerga, dizem isso, mas o que aconteceu de fato é que eles não avistaram nada no horizonte porque era um submarino, todo mundo sabe.

A MELODRAMÁTICA – Isso nunca aconteceu.

A MULHER – Aconteceu estou te falando.

A ALTERADA – Meu Deus, você só pode ter um estoque de cocaína na sua casa, que mania de inventar outras realidades!

A MUSICAL – Não precisa se exaltar, parando para pensar eu já escutei essa história dos russos.

Todas começam uma discussão.

Entra BRANCA. Fica de costas. As personagens percebem BRANCA e tentam aparecer.

A MUSICAL percebe que BRANCA continua sem vê-las e escutá-las.

A MUSICAL – Ah não posso acreditar, eles não veem a gente, nem nos escutam, mesmo com nossos disfarces irreais.

A ALTERADA – Pois é talvez precisássemos de roupas surreais.

A MULHER (*percebendo também a presença de GAEL/IRMÃO*) – Quem será que ele é agora? Será o amigo do irmão o tal Gael ou o próprio irmão?

A MUSICAL – Não sei, podemos estar em qualquer momento dessa realidade.

(Pausa)

GAEL/IRMÃO tira um cigarro do bolso pega um isqueiro faz o movimento de acender e acende o cigarro. Começa a fumar o cigarro apagado, como o DETETIVE. Ele agora é o DETETIVE.

GAEL/IRMÃO/ DETETIVE – (*revelando pelo diálogo ser outra pessoa*) Olá senhorita Branca Spencer.

BRANCA – Olá.

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – Lembra-se de mim? Nós nos falamos mais cedo.

BRANCA continua em silêncio.

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – Eu sou o detetive do caso, a senhora está mais calma?

BRANCA permanece em silêncio.

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE - Eu sinto muito pela sua perda, gostaria que a senhorita quando possível conversasse comigo, me ligasse, faremos de tudo para anular a possibilidade de--

BRANCA (*interrompendo o GAEL/ IRMÃO/DETETIVE*) – Eu entrarei em contato.

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – A senhorita poderia assinar o depoimento que deu mais cedo?

BRANCA – Eu já disse que entrarei em contato com o senhor.

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – Mas a senhorita precisa assinar o depoimento.

BRANCA – Por que você insiste em ficar aqui?

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – Eu sei que é delicado, mas a senhorita precisa assinar seu depoimento sobre o acidente de carro, nós estamos investigando o suposto acidente e---

BRANCA – Eu preciso ficar sozinha se o senhor me permitir, eu entrarei em contato.

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – A senhorita poderia olhar para mim um segundo?

BRANCA - Não eu não posso.

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – Branca, eu entendo que você está abalada, mas eu preciso que você converse comigo, você poderia se virar um instante.

BRANCA – *(descrevendo as características do ator que faz o IRMÃO)* Seu cabelo é loiro?

DETETIVE – Branca... por que você não me olha?!

BRANCA – Seus olhos são azuis?

GAEL/ IRMÃO/DETETIVE – A senhorita pode olhar para mim um segundo.

BRANCA – Não eu não posso.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE – Desculpa Branca, mas se você não puder colaborar eu vou ter que te levar até a delegacia.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE – Você disse que o seu irmão saiu com uma ex-namorada e eles sofreram um acidente de carro.

BRANCA – Eu entro em contato com o senhor.

GAEL/IRMÃO/ DETETIVE – Você sabe que não foi carro, a ex-namorada está viajando. Branca, existe uma suspeita de suicídio. O jovem Sr. Spencer está sendo investigado pela sua própria morte. Você sabia Branca e você disse à polícia...

BRANCA – Eu disse...?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE – Por que você não me olha?

BRANCA – Você é ele.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE – Eu sou Detetive responsável pelo caso do seu irmão. Você não precisa ter medo, pode me olhar, eu só quero colaborar com você. Vamos vire-se.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE chega perto de BRANCA. Ela se vira lentamente.

BRANCA - *(em um rompante ao ver o rosto do DETETIVE)* Tira o rosto do meu irmão da sua cara!

GAEL/IRMÃO/DETETIVE *(tentando segurar BRANCA)* – Que rosto? Branca, o que está acontecendo?

Na crise BRANCA desmaia, fica no centro do palco. GAEL/IRMÃO/DETETIVE sai.

CENA 13

As personagens chegam perto de BRANCA.

A MELODRAMÁTICA – Branca Spencer e seu desfecho trágico.

A ALTERADA – Olhem para essa coitada, se a gente não inventa a gente, a gente inventa o outro, inventa uma imagem para o outro.

A MUSICAL – Quem diria Branca Spencer vive uma realidade dura.

A MULHER – Nenhum disfarce pode alterar a consciência de Branca Spencer, mas vejam sente frio.

A MULHER pega na bolsa uma roupa e coloca em cima de BRANCA.

ENTRA GAEL/ IRMÃO/DETETIVE.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE – Branca acorde, vamos conversar um pouco.

BRANCA começa a levantar-se.

BRANCA (*atordoada*) - Você é?

Mudança de personagem, agora quem está com BRANCA é a PSQUIATRA. Sempre o mesmo ator.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE - Quem eu sou?

BRANCA - Meu irmão?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE - Branca...

BRANCA - Meu irmão, quanto tempo se passou?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE - Olhe querida...

BRANCA - Querida? (*Observando a roupa da MULHER*) Isso é seu?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE – Não querida, você chegou aqui com isso.

BRANCA – Não é meu, deve ser de outra pessoa.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE – Não tem mais ninguém aqui.

BRANCA – O que foi que aconteceu?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSQUIATRA – Querida, você já deve ter percebido o que está acontecendo com você, com seu corpo, com sua mente e com o modo que você vê as pessoas. Eu me chamo Sarah Galdiano, sou psiquiatra. Mas quando você me olha não me vê como eu sou certo? Não vê uma senhora de 60 anos, negra, de cabelo nos ombros. Branca, a morte do seu irmão, o que aconteceu com ele gerou em você uma alteração de percepção. A ausência dele reproduziu a sua imagem. Você me olha e vê um corpo igual ao dele, mas eu não sou ele. Não tenho as memórias dele, só você me vê assim. Eu trabalho nesse hospital há 16 anos. Querida, eu

nunca vi nada assim, ninguém como você. Você é um caso muito particular. Seus exames físicos estão ótimos...

BRANCA – Exames? Fizeram exames em mim? Quando? Eu não me lembro...

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA – Você clinicamente está perfeita, eu de fato não entendo. Vou te deixar descansando querida, eu volto mais tarde.

BRANCA – Mas o que aconteceu, eu não me lembro. Eu não sei me lembrar.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA – Querida, você sabe que fala sobre um acidente de carro com uma ex-namorada que nunca existiu.

A MULHER – Uma memória eletiva, uma recordação inventada e pronto a realidade é outra, o que você pensa é, a gente agrega sensações e fatos, uma pausa, uma suspensão e ponto final. Branca Spencer escolheu sua condição. Qual será a versão que ela não escolheu lembrar?

A MELODRAMÁTICA – Ó! O que será que ela escolheu esquecer...

A ALTERADA – A gente sempre descarta as versões que a gente não lembra.

A MELODRAMÁTICA – Então tem um monte de coisas que aconteceram que eu escolhi descartar, sem saber que eu estava descartando, só porque eu fiz um sorteio aleatório do que lembrar? Cadê minhas lembranças desprezadas?

A MUSICAL – *(percebe uma mudança na cena)* Eu não sei, mas olhem essa é a memória que Branca descartou.

CENA 14

BRANCA e o IRMÃO no passado. Outro tipo de relação, o IRMÃO é irritado, agressivo e deprimido. O mesmo ator que fazia a PSIQUIATRA agora assume o papel de IRMÃO.

IRMÃO - Brancaaaa!

BRANCA - Eu não entendo.

IRMÃO – *(agressivo)* Oi? Olha só você pode, por favor, fazer as compras essa semana, só essa!

BRANCA - Não tem sentido.

IRMÃO - O que?

BRANCA - Barata Voadora.

IRMÃO – E daí?

BRANCA - Eu fico pensando nas escolhas de Deus.

IRMÃO - E?

BRANCA - E barata voadora?

IRMÃO – Eu não estou a fim de falar agora.

BRANCA – Mas pensa só, asa na barata?

IRMÃO – Eu não me importo, você poderia ir ao mercado.

BRANCA - A gente podia ter asas, mas Deus preferiu dar asa para as baratas.

IRMÃO - Não a gente não podia.

BRANCA - As baratas estão mais perto do céu.

IRMÃO – Elas vêm do esgoto.

BRANCA - Em que momento ele decidiu? Sabe, quando foi que ele teve a certeza de colocar asa na barata?

IRMÃO - Eu não sei se ele pensou.

BRANCA - Como Deus não pensou?

IRMÃO – Deus não pensa.

BRANCA – Vamos fazer assim, hoje você escolhe o jogo.

IRMÃO – (*irritado*) Eu estou esperando uma ligação.

BRANCA - Ela não vai te ligar, já tem duas semanas.

IRMÃO – Ela vai passar aqui às 20h como sempre.

BRANCA – Não vai, você precisa esquecer isso tudo, acabou! Os relacionamentos acabam. Um rapaz chamado Gael do seu escritório te ligou, disse que você não aparece lá, você precisa ir trabalhar.

IRMÃO – Você não sabe do que eu preciso.

BRANCA – Já tem quatro semanas. Você não deu satisfação para ninguém do seu trabalho, você acha isso justo?

IRMÃO – Você sabe o que é justo por acaso?

BRANCA – Eu arrumei esse emprego pra você! Você não pode fazer isso comigo, tem seis semanas que você não faz nada!

IRMÃO – Eu sei, não precisa falar isso sempre. Se você soubesse como é degradante.

BRANCA – Mas é porque eu estou cansada, toda vez que você briga com a namorada, ou algo não acontece como você quer, eu tenho que limpar sua bagunça. Já tem oito semanas e você não reage.

IRMÃO – Eu vi uma barata hoje aqui e ela tinha a asas. Quando você for ao mercado compra veneno para barata. Depois de dez semanas, você chegou do mercado com um pacote de naftalina, servi o pacote inteiro com gelatina de morango. Depois de um tempo, um calor me subiu pelo pescoço, veneno para barata e gosto de morango. Cai morto. Era a última vez que você precisaria limpar minha bagunça.

BRANCA olha para frente como se tentasse entender o que aconteceu. BRANCA chora.

IRMÃO - Tristeza, choro...

BRANCA insinua algo semelhante, como em um jogo de mímica.

IRMÃO - Depressão, choro, angústia, lágrimas, loucura, corta a palavra Branca.

Campainha de tempo esgotado

CENA 15

A MELODRAMÁTICA – Culpa! A palavra de Branca era culpa.

A ALTERADA - O Irmão é culpado de sua própria morte.

A MULHER - A maioria de nós é.

A MUSICAL - Então, o caso do jovem Sr. Spencer está encerrado.

(Pausa)

A ALTERADA - E agora?

A MUSICAL – Eu não sei.

A MELODRAMÁTICA - Acho que morremos também ou se alguns preferem nos “ausentamos” por tempo indeterminado até que alguém...

A ALTERADA - Alguém...

MULHER - Alguém?

A MUSICAL – Recomece essa história.

CENA 16

O mesmo ator que fazia papel de IRMÃO assume papel de ENFERMEIRO.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Dona Branca?

BRANCA - Eu já decidi quero ser a primeira mulher a chegar à lua.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Isso não será possível.

BRANCA - Você me chamou de Dona?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Sim.

BRANCA – É a Dra. Sarah Galdiano?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Não, a Dra. Sarah morreu tem seis anos.

BRANCA – Ela morreu? Mas há pouco tempo, ela me contava sobre a gelatina de morango e o suicídio do--

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Seu caso foi a razão da vida dela, ela passou anos e anos tentando entender o que aconteceu com a senhora.

BRANCA – Como assim, anos e anos? Nós já nos conhecemos?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Nós nos conhecemos e convivemos já tem bastante tempo.

BRANCA - Que lugar é esse? Você agora é outra pessoa?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Acredito que sim.

BRANCA – Me desculpa, eu ainda vejo o meu irmão. Seu nome?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Enfermeiro Philip. Você me chama de Phil ou de irmão ou de detetive ou de Gael depende do dia.

BRANCA - Enfermeiro?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Nos conhecemos há vinte anos. Só nesse hospital eu trabalho há vinte e cinco anos.

BRANCA - Hospital? Vinte anos?!

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Se preferir eu chamarei casa de repouso.

BRANCA - Eu preciso de um espelho!

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Foram todos retirados desse andar, por conta da sua condição.

BRANCA - Eu quero um espelho, eu já sou uma senhora?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Que senhora o que, tem uma vida pela frente!

BRANCA – Com quantos anos eu estou?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Não liga para isso, o importante é que eu te vejo com juventude.

BRANCA – Quantos anos?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Antes de você vir pra cá, você ficou em outra clínica, eram tempos um pouco mais impacientes para casos como o seu. Você ficou lá por dezoito anos. Eram tratamentos mais rudes, eles achavam que iriam surtir efeito mais rápido.

BRANCA – Meu irmão morreu tem pouco tempo, eu estou meio confusa concordo, mas eu não fiz nem trinta e cinco anos.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – A senhora completou mês passado setenta e dois anos.

CENA 17

A MULHER – Qual é a realidade do tempo? Eu sei que é relativo, mas será que o tempo é real? Esse é o transtorno do Homem, isso me lembra do caso do jovem que ficou conhecido como o Catador de Nuvens.

A MELODRAMÁTICA – Ó graças! Desse caso eu me lembro.

A ALTERADA – O Homem era um retirante.

A MUSICAL – Qual foi o ano?

MULHER – 1944. Chamava-se Severino da Maria do Zacarias. Vinha da Paraíba, lá da serra da Costela. Depois de ver a desgraça do mundo, da confusão que o próprio homem gerou. Severino, no auge da Segunda Guerra Mundial, decidiu dar um basta em tudo aquilo. O homem de vida Severina, que não sabia direito o que era água, trocou uma prosa com o vento e numa noite que ficou conhecida na história como o dia D, ele roubou todas as nuvens do mundo. Sem nuvens,

todos provaram da falta de chuva, a seca chegou, mas ele e seu povo já estavam acostumados. Era uma questão de tempo para a guerra acabar e acabou. Com o fim da guerra o Catador de Nuvens devolveu tudo que pertencia aos céus e nunca mais foi visto, dizem que continuou na sua batalha de miséria, outros dizem que morreu desgostoso porque o rapto das nuvens não foi suficiente para dar uma lição nos Homens. Não importa, importa que o catador enxergou um mundo e uma realidade enxergou Severino, assim é a gente.

CENA 18

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO trazendo uma bandeja.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Eu preparei um chá para a senhora.

BRANCA – Você pode parar de me chamar de senhora. Eu não me acostumei ainda.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Claro Branca.

BRANCA - Eu acredito que a mulher chegou à lua, que os russos descobriram o Brasil, que o tempo é reinventado toda hora e que todas as versões da realidade são verdadeiras e mentirosas. Que os olhos não enxergam mais o real. Eu acredito nisso. Eu preciso acreditar. Sabe qual é o problema? As pessoas estão viciadas em cronologia. O tempo não existe mais. Mas aí a gente fica entediado e inventa uma ordem. Eu vejo meu irmão em todas as pessoas. É fato e eu posso arrancar os olhos, mas o pensamento vai inventar a imagem dele.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Você sabe na verdade a mulher já chegou à Lua, na verdade existem comunidades inteiras na Lua, o Homem expandiu tanto que colonizou a Lua.

BRANCA - E eu não vi isso. Eu não devo ter visto tanta coisa.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Branca você quer jogar um jogo, você sempre sugere mímica. Eu pensei dessa vez em jogo da memória.

BRANCA – Você quer jogar jogo da memória comigo? Que senso de humor negro!

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Você sempre ri quando eu faço essa piada.

BRANCA – Deve ser chato, fazer as mesmas piadas há anos.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Mas as suas reações são diferentes, eu gosto de pensar que todo mundo lá fora me vê de uma maneira e você aqui dentro de outra, para você sempre tenho outro significado. Sabe Branca é bom poder deixar de ser a gente e ser outro de vez enquanto. Aqui eu posso, com você eu posso.

CENA 19

A MELODRAMÁTICA - Eu achava que alguma hora no meio disso tudo ela iria nos ver.

A MULHER – Não somos vistos porque eles vivem...

A MUSICAL – vivem essa história, por isso não se dão conta da sua condição de personagem.

A ALTERADA - Só os loucos habitam a realidade dos personagens. O detetive nos via, ele era um homem louco, mas ela não é louca.

A MULHER - Não, ela só é triste.

CENA 20

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – Você quer mais alguma coisa?

BRANCA - Eu só queria poder ser a mulher que chegou a lua. Foi infinito o que eu vi, e infinito é o que eu vou deixar de ver. Enfermeiro, eu preciso ver o que eu nunca vi. Eu preciso desesperadamente ver um pouco de neve, eu nunca vi realmente a neve.

As personagens olham para cima.

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Você sabe que aqui não neva não sabe?

BRANCA – Sim, eu sei.

CENA 21

A ALTERADA – Nos reencontramos por uma última vez.

A MUSICAL – E o que acontece com a gente?

A MELODRAMÁTICA – Não existe tempo para nós, aparecemos no tempo e morremos aqui.

A MULHER – Quando voltaremos a aparecer?

A ALTERADA – Acho que quando formos convocados, quem sabe daqui uma hora, um mês, dez anos, cem séculos. Podemos ficar perdidos na eternidade.

MULHER coloca a mão no bolso e percebe um papel. Ele retira o papel do bolso e começa a ler para as outras personagens.

A MULHER – “A personagem de um drama naturalista tem um impulso e coloca a mão na bolsa, assim percebe um novo papel, ela lê para as outras personagens. Todas sabem que a realidade de Branca Spencer não tem mais para onde avançar a não ser para dentro de Branca Spencer. Não há mais nenhuma ação. Duvidoso é o destino de uma personagem. Elas entendem que aquela é a

condição delas, sempre perseguir uma nova história, aparecer em um novo tempo. Elas se olham por uma última vez e saem de cena.”.

A MULHER, A ALTERADA, A MELODRAMÁTICA E A MUSICAL se olham e saem de cena.

CENA FINAL.

BRANCA - Já não há mais o que fazer, nem para onde ir. Eu já sei de tudo. Posso te perguntar uma coisa?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Todas as coisas. Acredito que não exista o que você já não tenha me perguntado.

BRANCA - Eu já tentei me matar?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO – É de fato uma pergunta das antigas. Sim, algumas vezes, sempre que chega nessa camada de lucidez.

BRANCA - Então, eu estou prestes a tentar me matar?

GAEL/IRMÃO/DETETIVE/PSIQUIATRA/ENFERMEIRO - Talvez, mas antes eu queria que você vestisse um casaco, acendesse uma lareira, colocasse luvas, meias e se possível um gorro, porque o tempo no mundo mudou muito, agora faz frio aqui como nunca antes, um frio de bater o queixo. Nessa noite eu e você ficaremos juntos com cobertores e chocolate quente. *(Ele tira um saquinho com isopor picotado imitando neve, começa a jogar em cima dela.)*. Porque o que aparece torna-se real.

BRANCA fica deslumbrada com a neve.

FIM